

Porque “as coisas não são”

Teresa Campos dos SANTOS
FLUP

Resumo

“Porque “as coisas não são”» é um texto que sintetiza algumas reflexões e experiências que tiveram lugar em cinco anos de frequência da FLUP. Nestas linhas, estão agrupadas estórias e pensamentos que dificilmente chegariam ao conhecimento público por se terem passado no espaço encerrado de uma sala de aula. Partindo do mote, “O Ensino da História da Arte na FLUP depois da Revolução de abril”, assumi o lugar que até agora me coube – o de aluna – e, por isso, neste documento, pus em prática um (auto-)exercício de história oral debruçado sobre “A Aprendizagem da História da Arte na FLUP depois da Revolução de setembro de 2007”.

Palavras-chave

Liberdade; FLUP; História da Arte

Abstract

“Because “things aren’t”» is a text that summarizes some observations and experiences that took place during five years of frequency of the Faculty of Arts of the University of Oporto (FAUO). In these lines, I grouped stories and thoughts that hardly would reach the public domain because they took place in the closed space of a classroom. Starting with the motto, “The Teaching of History of Art in FAUO after the April Revolution”, I assumed the position that I had until now – the student’s position – and, therefore, in this document, I put in practice a (self-)exercise of oral history about “The Learning of History of Art in FAUO after the September 2007 Revolution”.

Keywords

LFreedom; FAUO; History of Art

Ponto Prévio

Falar sobre “O Ensino da História da Arte na FLUP depois da Revolução de abril” é, acima de tudo, falar sobre “A Aprendizagem da História da Arte na FLUP depois da Revolução de setembro de 2007”, data em que ingressei na licenciatura em História da Arte. Entre 2007 e 2012, ano em que concluí o Mestrado em História da Arte Portuguesa, foi com agrado que assisti, não só ao meu crescimento, como também ao florescimento do próprio curso que redescobriu as suas potencialidades, renovando-se e reinventando-se à medida que novos desafios surgiam.

Para mim, o curso de História da Arte não constituiu uma segunda escolha, nem nunca o vi como um curso de exigência inferior. Ao desconhecimento generalizado sobre o curso, sempre respondi sem preconceitos. Aos verdadeiramente interessados e curiosos, expliquei com exemplos práticos e concretos em que é que o trabalho de um historiador de arte pode consistir. Aos simplesmente detratores, respondia ser o curso dos aspirantes à realeza, uma vez que foi o curso frequentado pela princesa Kate Middleton, na Universidade de St. Andrews, Escócia.

Porém, confesso que só mais tarde, talvez já no decorrer do Mestrado, me dei conta que a História da Arte – e, porventura, qualquer outro curso, mas sobre esses não me cabe aqui tecer considerações –, como ciência que é, extrapola os limites dos horários e dos planos curriculares, as barreiras das salas de aula e das bibliotecas. A História da Arte tornou-se uma companhia e, posso dizer, moldou não só a forma como olho a arte, mas também o modo como olho o Mundo! Progressivamente, comecei a encontrar nas formas aquilo que há muito os Professores me procuravam revelar. Lentamente, o escuro tornou-se claro. Paulatinamente, deixe-me imbuir por esse espírito e deixei de temer dizer aquilo que via. Agora sei que, independentemente daquilo que o futuro profissional me reserve, a História da Arte jamais deixará de me seguir, pois cruzo-me diariamente com ela, por exemplo, enquanto escrevo e recebo a luz através da janela, qual quadro de Vermeer (Fig. 1).

Porque “as coisas não são”

A reflexão que aqui trago poderia debruçar-se sobre a organização curricular que experienciei ao longo dos cinco anos da minha formação. Ou, em alternativa, sobre a própria História do ensino da História da Arte na FLUP. Contudo, parece-me que há quem tenha mais propriedade para o fazer e, afinal, a riqueza da história oral está nas estórias que não encontramos nem em bibliotecas, nem em arquivos, mas tão-somente nas pessoas que as vivenciaram. As minhas estórias são recentes e, talvez por isso, a distância seja ainda demasiado reduzida para permitir que elas já tenham um leve “sabor” a lenda que tão bem sabe quando ouvimos as estórias dos avós. Todavia, foram estas estórias e aprendizagens que fizeram o meu caminho pela FLUP e que me parece fazer todo o sentido deixar registadas nestas páginas que, afinal, se enquadram numa mesa redonda de temática evocativa.

Lembrar Professores e Unidades Curriculares seria redutor, sobretudo porque sintetizar a identidade de pessoas e de relações é simplificar e objetivar aquilo que não é nem simples, nem objetivo. Assim, antes prefiro partilhar frases, ideias e pensamentos de que até hoje me lembro deixando, seguramente, por registar muitas outras palavras que me marcaram e que recordo mas que, pela sua complexidade ou extensão, não

caberiam no espaço físico e conceptual deste texto.

Neste sentido, começarei por explicar ou, pelo menos, contextualizar o leitor com o título desta comunicação, o qual é, de resto, replicado neste subponto. A frase entre aspas – “As coisas não são” – foi proferida pelo Professor Doutor Agostinho Rui Marques de Araújo, numa aula da unidade curricular de História das Artes Plásticas (século XIX) II, na manhã do dia 24 de fevereiro de 2011. As suas palavras mereceram destaque entre os meus papéis de apontamentos e até hoje lá se encontram, embora imediatamente as tenha fixado e, muitas vezes, as aplique quer na minha vida pessoal, quer profissional.

Nesta curta frase de quatro palavras, encontra-se sintetizado, na minha perspetiva, um dos princípios base que a História da Arte nos ensina. Nos primeiros anos da licenciatura em História da Arte aprendi, precisamente, que a palavra “estilo” só “cabe” no universo da moda e que tudo, ou quase tudo, o que até então tinha lido e ouvido correspondia, na prática, ao seu oposto. Que o termo “clássico”, normalmente associado a alguém que veste de forma simples, básica e “contida”, em nada corresponde à arquitetura clássica grega, marcada pela ousadia dos frisos coloridos, e muito distante da imagem do branco seráfico que, habitualmente, nos é transmitida. Este último ensinamento, recebido do Professor Celso Francisco dos Santos, provavelmente numa aula da unidade curricular de História da Arquitetura Clássica, talvez numa manhã chuvosa de 2007, constituiu um dos primeiros momentos em que, sem o verbalizar, terei concluído interiormente que as coisas, como quatro anos mais tarde o Prof. Dr. Agostinho Araújo declarou, não são!

Em suma, é neste, aparentemente, simples pensamento que busco afago, auxílio e auto-ajuda, quando a investigação me mostra do modo mais duro e cruel que “as coisas não são” e, porque “não são”, temos de as entender como formas vivas e autónomas que se definem e redefinem a cada passo, a cada momento, sem necessidade de obedecer a uma só regra, a uma só característica ou a um só “estilo”. Tal como Picasso não foi só cubismo (Fig. 2).

Os Aviões de Leonardo vs. A Aurora de Miguel Ângelo

A História da Arte é feita, acima de tudo, pelos artistas que a produzem, que a contam, que a concebem. Os seus conceitos, mais ou menos excêntricos, têm a mestria de se estender para lá da forma do objeto artístico e de surgir dos mais diversos modos aos olhos do historiador e do público, encontrando ecos nos cenários mais improváveis. Esta é uma realidade que também aprendi nas salas da FLUP, ainda que tenha demorado algum tempo a conseguir, eu própria, apreendê-la.

Estávamos no ano de 2008 e os ares da cidade do Porto eram invadidos pelo afamado «Red Bull Air Race» (Fig. 3). O evento, apreciado pelos amantes dos desportos radicais, foi abordado, inesperadamente, numa sessão da unidade curricular de História da Arte e Cultura da Época Moderna I pela Professora Doutora Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira Alves, que revelava como todas aquelas façanhas aéreas a faziam recordar, inevitavelmente, os desenhos visionários de Leonardo Da Vinci. [Fig. 4] De um modo quase mágico e profundamente estimulante, verifiquei que a História da Arte é, na sua essência, a história dos artistas, dos homens e dos sonhos, os quais se vão repetindo e cruzando à medida que a humanidade avança.

Correlações apaixonantes, como esta, foram-se repetindo e tive a felicidade de ouvir uma outra, também proferida pela Professora Natália Marinho Ferreira Alves. A Professora contava como ao atravessar a ponte da Arrábida e ao observar o despontar da Aurora, com as suas cores e cambiantes, lembrava a «Aurora» de Miguel Ângelo, que decora a Capela Funerária dos Médicis. Subitamente, em qualquer nascer do dia, passei a vislumbrar aquela escultura que, de forma hábil, o Mestre representou de modo a que, ao observá-la, vejamos toda a esperança do novo dia que Amanhece, metáfora do constante renascimento humano.

Também nesta senda de ligações e sobreposições entre a Arte e a Vida – como se ambas vivessem separadas, e não lado a lado – fui encontrando semelhanças, mais ou menos curiosas, que não posso deixar de partilhar (Figs. 6 e 7). São pontes, porventura menos poéticas ou simbólicas, mas igualmente interessantes, se tivermos em conta que o universo das formas é infundável mas, ainda assim, e aleatoriamente, as geometrias tendem a repetir-se e os padrões acabam por “se imitar”, em contextos tão desiguais que só o olhar humano os pode aproximar. Pois, tal como o Prof. Doutor Agostinho Araújo proferiu num outro contexto: «O artista auto-plagia-se.».

E depois da Revolução de abril

Para quem é filho, ou neto, do 25 de Abril de 1974. Para quem nasceu 15 anos após a revolução dos cravos. Para quem conheceu a FLUP como uma mesa redonda onde se sentam, de igual para igual, Professores e Alunos. Para quem reúne em si todas estas circunstâncias, talvez não seja fácil falar em liberdade, sem soar a lugar-comum, ou a opinião não fundamentada. Porém, também a história dos artistas me ensinou que a liberdade é condição fundamental para a expressão do indivíduo e da sociedade, ainda que todo o Homem esteja sempre mais ou menos livre e mais ou menos preso. Mas, viver em liberdade, crescer em liberdade, estudar em liberdade aproximamos mais de quem somos e ajuda-nos a entender melhor quem queremos ser.

O meu percurso pela FLUP fez-me cumprir horários, responder às perguntas dos exames e respeitar normas bibliográficas. Contudo, a todas estas obrigações respondi livremente, com espaço para flexibilizar horários, questionar exames e adaptar normas. Porque a liberdade não é um modo de vida. Porque a liberdade é a Vida, ela mesma. Numa aula, algures ao longo do meu percurso, a Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas falou como a História da Humanidade é marcada por “Ganhos e perdas civilizacionais”. Pois bem, há ganhos que jamais podem ser perdidos. A liberdade e o direito a um ensino livre parecem-me essenciais para a felicidade do Homem e, já agora, para o florescimento de uma arte que conte, efetivamente, a verdadeira história dos seus artistas, das suas sociedades e, naturalmente, da Vida.



Fig. 1 - Lady writing a letter with her maid, Johannes Vermeer (1632–1675).
Óleo sobre tela, c. 1670-1671.
National Gallery of Ireland.

<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:DublinVermeer.jpg>



Fig. 2 - Science and Charity, Pablo Picasso (1881-1973).

Óleo sobre tela, 1897.

Museu Picasso, Barcelona (Espanha).

<http://www.wikiart.org/en/pablo-picasso/science-and-charity-1897>



Fig. 3- Red Bull Air Race 2008.

Author: Feliciano Guimarães

[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Red_Bull_Air_Race_2008_\(2836946481\).jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Red_Bull_Air_Race_2008_(2836946481).jpg)

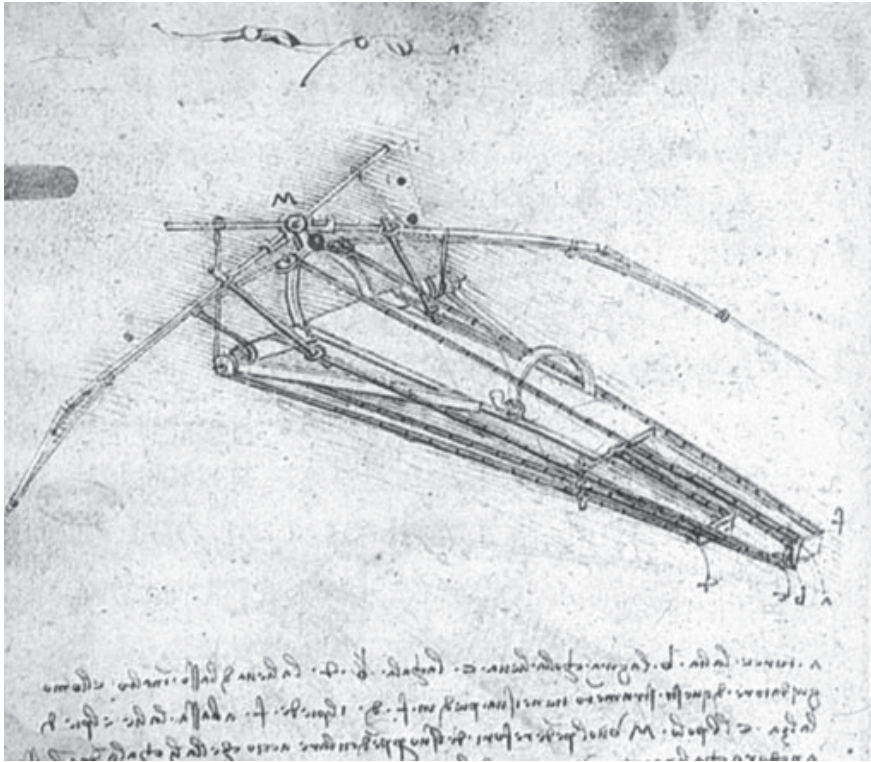


Fig. 4- Design for a Flying Machine, Leonardo Da Vinci (1452–1519), c. 1488.
http://commons.wikimedia.org/wiki/Leonardo_da_Vinci#mediaviewer/File:Design_for_a_Flying_Machine.jpg



Fig. 5- Aurora, Miguel Ângelo (1475-1564), 1520-1534.
Capela Funerária dos Médicis, Nova Sacristia de San Lorenzo (Florença).
http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alinari_Medici_tomb_Aurora.jpg

Fig. 6- Composition with Yellow, Blue and Red, Piet Mondrian (1872-1944).
Tate Collection
http://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/7/72/Mondrian_CompRYB.jpg



Fig. 7- Fotografia de parede

